

Americanos vão ajudar o Brasil

Nova York — Os Estados Unidos deverão utilizar dinheiro do contribuinte americano no programa de financiamento de cerca de US\$ 30 bilhões para proteger a economia brasileira dos efeitos das turbulências econômicas que percorrem o mundo desde o ano passado. Segundo o governo norte-americano, o Brasil é o principal país da região e tem de ser preservado para impedir que toda a América Latina sofra os impactos da crise.

Os detalhes do socorro financeiro ainda não foram negociados, mas é certo que serão bilhões de dólares em empréstimos diretos e indiretos. O Congresso encontra-se de recesso, porém vários líderes políticos estão avisados de que o governo poderá agir durante as férias parlamentares.

O Fundo Monetário Internacional (FMI) assumirá a responsabilidade principal na organização do pacote e, em princípio, contribuirá com US\$ 15 bilhões. Outros US\$ 9 bilhões sairão dos cofres do Banco Mundial (Bird) e Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). O restante será complementado pelo governo americano e integrantes do G-7 (grupos dos sete países mais ricos do mundo).

A Alemanha e o Japão fazem parte do G-7, porém, de acordo com funcionário da Casa Branca, os dois países estão relutantes em aderir ao pacote por considerar a América Latina essencialmente um problema de Washington.

Uma ajuda direta dos Estados Unidos ao Brasil certamente incluiria a mensagem simbólica de que, após um ano de tentativas frustradas do FMI para controlar a crise financeira mundial, o governo americano decidiu agir diretamente e resolveu aplicar capital do próprio bolso numa operação de risco. Em discurso recente, o presidente Bill Clinton argumentou que o Fundo deveria desenvolver um trabalho de prevenção, no lugar de esperar pela concretização de desastres.

A importância econômica de Brasil, México e Argentina, grandes compradores de produtos dos EUA, certamente pesou mais para o governo americano ao optar por assumir uma posição política e economicamente delicada em vez de enfrentar o risco de mais um fiasco do FMI.

Depois do ocorrido nas economias asiáticas, a Casa Branca acredita que poucos políticos vão se opor à decisão do governo de fornecer ajuda direta ao Brasil. O único perigo é a demora da equipe econômica brasileira em finalizar as negociações. "O País quer passar a mensagem de que tudo está sob controle, mas sabemos que existe a possibilidade de uma desvalorização do real nos próximos 18 meses", disse um investidor estrangeiro envolvido nas negociações do pacote.

O dinheiro, argumentam os economistas, servirá apenas para dar um pouco mais de tempo ao Brasil. A solução final dependerá dos esforços do lado brasileiro para pôr em prática medidas fiscais e de controle do déficit. "O Brasil tem muito o que fazer", disse o vice-diretor-gerente do FMI, Stanley Fisher, depois de sua breve visita ao país na sexta-feira.